

Jornal Itapagipe

Ano 1 nº 1 - Julho 2005 - Distribuição Gratuita

ITAPAGIPE NÃO SE RENDE!

A trajetória da Península de Itapagipe é marcada pela glória e o descaso. Mas além da beleza natural que encanta todo aquele que arrisque um olhar para a região, esta planície entrecortada pela Colina Sagrada e abra-

çada pela Baía de Todos os Santos, guarda um tesouro ainda mais valioso: o orgulho de ser itapagipano. A comunidade que ali existe ainda preserva uma

identidade própria, um modo particular de vida em meio à metrópole soteropolitana. Em nome deste sentimento, grandes

ações vêm sendo articuladas em prol da sua revitalização.

pgs. 4 e 5

foto: Andrea Castro



MERCADO DE FRUTOS DO MAR É NOVA OPÇÃO EM SALVADOR



pg. 3

ROCK ITAPAGIPANO GANHA O MUNDO

pg. 7



ESPORTES OLÍMPICOS NA BAÍA DE TODOS OS SANTOS

pg. 3

Um jeito de ser...



foto: Andrea Castro



foto: Andrea Castro



foto: Andrea Castro



foto: Andrea Castro



foto: Andrea Castro

... itapagipano

Absorver a essência itapagipana não é tarefa fácil. Contar ao mundo que fechou os olhos para Península de Itapagipe, tudo o que ela tem a oferecer é responsabilidade ainda maior. Este é um jornal engajado em contribuir, da melhor forma possível, para a reintegração da Cidade Baixa de Salvador, mais particularmente da Península de Itapagipe, à realidade da capital baiana. Itapagipe pode ter sido abandonado pelos governantes, pelas empresas, pelos seus ilustres moradores, mas os maus tratos sofridos não foram capazes de abalar um sentimento hereditário: um jeito, um orgulho de ser itapagipano. Não se tem a pretensão, no entanto, de resumir nas oito páginas desta publicação a vida dessa cidadezinha do interior mais próxima da capital, como diria D. Terezinha Paim, moradora da Ribeira. A nossa proposta é oferecer uma pequena mostra dessa espécie de "patriotismo local". Seja bem vindo a desvendar os caminhos do passado de glória da Península, a conhecer este modo particular de viver e sentir-se itapagipano.

Turismo em Itapagipe: alavanca para o desenvolvimento

Atualmente o turismo desponta no cenário internacional como a terceira atividade econômica mais rentável. No Brasil, na década de 70, foi reconhecido como uma poderosa fonte de captação de divisas para a economia nacional. Na Bahia, o turismo nasce das festas religiosas. Em Salvador, vários bens culturais podem ser considerados atrativos turísticos, dentre os quais a Península de Itapagipe, através de suas enseadas, paisagens naturais, ambiente urbano construído e manancial de representações do patrimônio cultural material e imaterial. Esta área apresenta uma carência acentuada de cuidado e execução de projetos e pesquisas turísticas.

Somente em 1999, com o projeto Via Náutica, a região passa a ser incluída, de fato, numa ação direcionada para o desenvolvimento do turismo. O projeto Via Náutica inaugurou em janeiro de 2001 o seu primeiro ponto de parada: a ponta do Humaitá, que foi reurbanizada, obtendo uma área de recreação e lazer, iluminação especial, estacionamento, tratamento paisagístico, além da recuperação da igreja de Monte Serrat, enfim, uma infra-estrutura especializada para atender mais a demanda turística, que a população. E a população? Aprovou? Foi consultada?

Questões como estas que parecem óbvias, não ocorreram e a maior prova disso é que as obras executadas nesta área parecem ter desconsiderado as peculiaridades locais, as características da arquitetura, as questões de circulação, os hábitos e organizações dos moradores e comunidade adjacente, enfim, a preservação de um lugar que tinha como principal característica a simplicidade e o bucolismo. Conceitos como Topofilia (elo afetivo entre a população e o lugar) deveriam ter sido pauta de análise antes de uma intervenção tão violenta naquela região. Vale ressaltar que desde a inauguração do primeiro píer, não há notícias de quando o projeto será retomado. Novas propostas para a revitalização da região e promoção do turismo têm sido discutidas na esfera municipal, mas nenhuma foi noticiada e enquanto isso a Península continua padecendo com a degradação urbana e o crescimento desordenado.

Diante do apresentado a respeito do patrimônio cultural – um bem, propriedade de um povo, de uma sociedade ou um país, onde se inserem manifestações populares, edificações, monumentos etc. pode-se afirmar que Itapagipe reúne uma história significativa, acolhendo elementos sócio-culturais, passando pelos elementos naturais, capazes de desenvolver o turismo, transformando assim toda a área num forte atrativo para os visitantes da cidade. O fortalecimento do turismo pode intervir na região, com o objetivo de se apropriar de sua história e utilizá-la de forma a valorizar toda a área e criando maior consciência na população local e no turista com relação à necessidade de um povo e de uma sociedade do cultivo da sua memória e cultura.

Taiz Alfaya

Turismóloga e licenciada em História, mestranda em Análise Regional pela Unifacs, consultora AD HOC da Fapesb, moradora de Itapagipe
taizalfaya@terra.com.br

EXPEDIENTE

Produção, edição, textos e revisão, projeto editorial, projeto gráfico e editoração: Taiane Fernandes
Fotos: Andrea Castro, Taiane Fernandes e Josué Souza

Mercado atrai moradores da cidade alta

Limpeza, qualidade e variedade de preços. Estes são os principais atributos do Mercado de Frutos do Mar da Cidade Baixa. A conveniência de encontrar todos os tipos de peixes, camarão, marisco, lagosta e hortifrutigranjeiros, tem atraído consumidores da cidade alta. O Mercado situado à Av. Jequitaita, comercializa cerca de uma tonelada de frutos do mar por dia. Dos 49 boxes em funcionamento, quatro são grossistas, fornecem para hotéis, supermercados e hospitais de Salvador. A vigilância sanitária fiscaliza periodicamente as condições de higiene e qualidade dos produtos e das instalações.

Após comprar o peixe, Paulo das Virgens, pela primeira vez no Mercado, escolhia os temperos da moqueca em um box de hortifruti. "Eu comprava em Itapuã, mas não era muito agradável, então eu tive a oportunidade de conhecer este aqui e gostei. É bem assiado, o atendimento é bom", explica. Também para comprar peixe, a cada 15 dias Aníbal Santiago desloca-se da sua residência em

foto: Taiane Fernandes



Peixe vermelho e camarão pistola são os mais procurados

Ondina até o Mercado de Frutos do Mar. "Geralmente eu procuro peixe vermelho. Eu compro aqui porque é tradicional, acho bom, acho limpo, tem produtos de qualidade. Os preços também são acessíveis em relação a outros lugares e você tem a opção de escolher".

Cláudia Santos, residente na Liberdade, costumava comprar na entrada do Ferry Boat. Como perdeu o horário e os peixeiros já tinham ido embora arriscou ir ao Mercado. "Eu fiquei surpresa porque o preço não é monopolizado, achei o marisco de R\$6, R\$5 e ago-

ra estou comprando de R\$4,50. Para os permissionários dos boxes, vindos da Feira de São Joaquim, Ribeira e rampa do Mercado Modelo, as mudanças foram ainda maiores. "Eu estou aqui há 35 anos, desde o antigo mercado popular. Não tem comparação, isso aqui era uma verdadeira bagunça", lembra Seu João Sabino, do box de peixes. Os peixeiros pagam taxas de água, luz e um documento de arrecadação municipal (DAM). Apenas três deles comercializam o que pescam. "Mas ainda falta divulgação, muita gente não conhece o Mercado. Nós podemos atender a uma demanda muito maior", destaca o administrador do local, Djailton Conceição. O Mercado oferece estacionamento, restaurante, bar e lanchonete, caixa de auto-atendimento do Banco do Brasil, além de posto do Banco Popular. Todos os cartões de crédito são aceitos.

Funcionamento

Domingo e segunda - 6h às 12h
Terça a sábado:
3h às 10h - atacadistas
6h às 17h - varejistas

Um mar de oportunidades para jovens carentes

Banhada pelas águas da Baía de Todos os Santos, uma das mais fortes vocações da Cidade Baixa é o mar. Diante das potencialidades náuticas oferecidas por este privilégio geográfico, o Centro Náutico da Bahia (Cenab) vem se empenhando em despertar jovens carentes para as oportunidades ainda pouco exploradas.

Através do Projeto Navegar, em parceria com o Governo Federal, o Cenab introduz adolescentes, de 12 a 15 anos, em três esportes olímpicos: vela, remo e canoagem. Desde 2001, a cada semestre, 160 meninos e meninas de escolas públicas de Salvador são iniciados nas três modalidades.

Para Marcos Antônio, monitor de vela, esta é uma oportunidade única. "Eu tenho certeza de que se

não fosse um projeto desse, nem eu estaria monitorando uma equipe, nem eles teriam o prazer de entrar no mar, porque a gente só tem prazer quando pratica". Proveniente de outro projeto social do Cenab, Marcos Antônio chama a atenção para a realidade elitista dos esportes náuticos.

O Cenab montou uma equipe de competição com os dez melhores alunos. "Eles foram campeões baianos de optimist (embarcação a vela), também venceram os meninos do Iate Clube da Bahia, que são ricos", lembra orgulhoso o Diretor Auxiliar do Cenab Eurípedes Vieira.

O fascínio dos jovens pelo mar é perceptível no brilho dos olhos e na disputa para ser o primeiro a entrar na água. "Eu gosto muito,

fiz remo, canoagem e vela, aí fiquei melhor na vela e o professor me escolheu para a equipe do Centro Náutico", conta Marlei Santos, 15 anos, morador da Massaranduba.

Apesar dos esforços, Eurípedes ressalta a dificuldade de se tornarem atletas olímpicos. "Para competir você tem que ter apoio, um patrocínio grande, equipamentos de primeira linha. Mas tenho certeza de que vão ser bons velejadores, poderão cuidar de barcos, atuar no ramo de turismo náutico, passar conhecimentos de vela", explica.

foto: Taiane Fernandes



O Projeto Navegar fornece aos alunos transporte diário, fardamento e lanche. Todas as aulas são acompanhadas pelo Salvamar.

Itapagipe não se r

Um passado glorioso, uma história marcada por grandes feitos e nomes, uma identidade registrada nas ruas e na personalidade dos seus filhos. A Riviera Baiana pede socorro, chora diante do abandono e degradação. Batizada pelos índios, seus primeiros habitantes, de Itapagipe (pedra que avança para o mar), a Península tem na beleza natural seu maior arsenal de resistência.

Ao encantar condes, barões e famílias tradicionais da sociedade baiana, o arrabalde inicialmente ocupado por engenhos e currais cedeu lugar aos grandiosos solares e casarios inspirados na arquitetura européia. Era o momento auge, quando a Península viu nascer uma opulenta sociedade.

Alí surgiu o primeiro aeroporto baiano, o Hidroporto dos Tanheiros, local frequentado por personalidades como o presidente Getúlio e sua esposa Darci Vargas, os cantores Carlos Galhardo, Silvío Caldas e Orlando Silva. Na época futebol era segundo plano, a grande atração esportiva da cidade de Salvador eram as regatas de Itapagipe. Partidas de

futebol nunca eram marcadas nos mesmos dias das competições marítimas ou terminariam sem platéia. A elegância era própria das ferrenhas torcidas que se colocavam à beira mar ou assistiam às competições de dentro de navios, onde aconteciam festas dançantes.

Aos poucos os veranistas se fizeram moradores. As pessoas se conheciam pelo nome das famílias. Simões, Marback, Amado Bahia, Catarino eram algumas das mais abastadas que se fixaram na região. Dez cinemas passaram pela Península de Itapagipe, da Calçada à Ribeira. O progresso da capital baiana era sentido nas ruas da Cidade Baixa.

O começo do fim

Na década de 40, o encanto começou a ser desfeito. A Península de Itapagipe se transformou em pólo industrial, cerca de 26 fábricas se instalaram na região. Nenhum tipo de precaução ou restrição foi criado. Às margens da Baía de Todos os Santos nasceram paredões de con-



Geograficamente a Península de Itapagipe começa na Calçada

Sociedade Civil

Itapagipanos descobriram que a união dos esforços representa melhores resultados para a região. A Península de Itapagipe possui, hoje, uma das maiores organizações populares do país. A comunidade local é representada pela Comissão de Articulação e Mobilização dos Moradores da Península de Itapagipe, CAMMPI, formada por 42 entidades de bairro. Desde 1997, a Comissão se reúne toda segunda-feira.

Ao final de cada ano, os membros da CAMMPI realizam um Fórum para elaboração do Plano de Desenvolvimento Sustentável de Itapagipe. Dividido em subcomissões de saúde, geração de emprego e renda, meio ambiente, moradia, cultura e informação, educação e reflexão sobre a violência, o Fórum estabelece as metas e ações para o ano seguinte.

Através do Núcleo de Articulação Institucional de Itapagipe (NAI), a CAMMPI mobiliza representantes das secretarias municipais de Salvador. Os encontros com as autoridades públicas são realizados na sede da Administração Regional (AR2), onde são discutidas e cobradas melhorias para os bairros.

Em maio, Itapagipe elegeu 26 moradores para representar a região no debate e fiscalização do Orçamento Participativo da Prefeitura. "Quando fizemos a assembléia, o próprio Secretário dizia que o prefeito não queria a eleição dos delegados. A CAMMPI fez uma intervenção e o vereador Rui Costa bateu o martelo", relata Itabajara Santos, membro das Associação de Moradores do Monte Serrat.

Iniciativa

As empresas situadas na Península de Itapagipe ainda não assumiram papel de destaque na revitalização da região. São raras as iniciativas realizadas em prol do revigoreamento ou da melhoria da qualidade de vida da população itapagipana. O Shopping Outlet Center, instalado na rua Direta do Uruguai, deu o pontapé inicial para mudar esta realidade.

Em maio de 2003 o Shopping iniciou o seu projeto de responsabilidade social, intitulado Programa de Requalificação da Península de Itapagipe. De lá para cá, várias ações foram desenvolvidas com o foco "na inclusão social através da geração de emprego e renda", explica a gestora do projeto, Rosemma Maluf. De olho na mão de obra qualificada herdada

ende ao abandono



e termina na Ribeira

creto que isalavam desagradáveis odores, lançavam dejetos ao mar e escureciam o ar. O clima aprazível, o cheiro de mar, a tranquilidade de cidade do interior se despediram da Península de Itapagipe e, junto com eles, muitas das tradicionais famílias também arrumaram as malas. Operários migraram para a Península em busca das novas oportunidades. A região não dispunha de habitações para abrigar tamanho contingente. Era inevitável o surgimento das favelas e invasões, Alagados acabava de nascer.

Em menos de um século a Península de Itapagipe foi da glória ao abandono. As fábricas se retiraram deixando o rastro da degradação. Os galpões antigos tornaram-se manchas na beleza natural da região, sendo ainda ocupados por movimentos sociais ou servindo de abrigo para delinquentes e drogados. Até hoje, os prejuízos não foram cobrados.

Mas o encanto itapagipano não se desfez por completo. Nem tudo foi possível apagar, a natureza resistiu às agressões. As águas calmas da Baía de Todos os Santos, o pôr do sol

da Ponta do Humaitá, a orla da Ribeira ainda sustentam a beleza local. Seus resistentes filhos, os tão orgulhosamente chamados itapagipanos, conseguiram preservar muitos dos costumes que ainda hoje podem ser apreciados nas ruas dos bairros que compõem a Península.

À porta das casas são oferecidas, logo cedo, verduras frescas. No final de tarde pamonha, cuscuz e pão. Os vizinhos são amigos de infância. As praças são pontos de encontro de idosos, crianças e namorados. A infância ainda é livre, meninos jogam bola na rua, brincam à beira mar, vão à escola de bicicleta. O clima de cidadezinha do interior foi preservado. Os sabores do passado, como os oferecidos pela Sorveteria da Ribeira, foram poupados.

Mas além de resistir, Itapagipe aprendeu a lutar contra o esquecimento. Aos poucos, a mobilização dos moradores vem despertando os olhares de autoridades e empresas para a região. Acompanhe abaixo, quem vem arregaçando as mangas para promover a revitalização e descubra como entrar neste movimento.

Itapagipe em números

14 bairros:

Ribeira, Itapagipe, Bonfim, Monte Serrat, Dendezeiros, Bairro Machado, Uruguai, Vila Ruy Barbosa, Massaranduba, Baixa do Petróleo, Roma, Mares, Calçada e Alagados

697 hectares de área

Da Calçada à Ribeira

4 Km de praia

Roma, Canta Galo, Boa Viagem, Pedra Furada, Penha, Bogari

7 igrejas

Mares, Alagados, Boa Viagem, Sr. do Bonfim, Penha, Monte Serrat, do Rosário

98 escolas

Públicas e particulares

26 galpões abandonados

antigas fábricas que ocupavam a região

Fontes: AR2, CAMMPI e registros históricos

Privada

das antigas fábricas de tecido de Itapagipe, o Outlet integrou cerca de 30 parceiros na formulação do Arranjo Produtivo Local (APL) do Uruguai. O aglomerado de indústrias é constituído por 87 organizações formais, gerando dois mil empregos diretos, e 16 grupos informais, com 318 pessoas.

“A confecção é uma das grandes vocações de Itapagipe. A Bahia importa cerca de 80% das confecções que consome. Existe neste entorno um aglomerado significativo que precisa ser aproveitado”, ressalta Rosemma.

O objetivo é a formação de um pólo de confecção na região até 2008. O Governo do Estado reconheceu o APL Uruguai como referência na Bahia.

Poderees Públicos

As promessas são as maiores marcas da contribuição governamental na Península, há muito esquecida. A revitalização iniciada na região do Comércio ainda não alcançou Itapagipe. A reforma de duas praças, no largo do Papagaio e da Madragoa, resume as ações da antiga gestão municipal. O Projeto Via Náutica, interrompido por falta de recursos, reestruturou a Ponta do Humaitá, mas não atendeu às expectativas da comunidade (leia mais na pg. 2). Na esfera estadual o programa Ribeira Azul representa o maior destaque.

As esperanças ainda estão sendo renovadas com a entrada do novo prefeito. Como todo começo de governo, algumas medidas de limpeza e manutenção já começaram a ser realizadas. Ainda em fase inicial, existe na

Secretaria Municipal do Planejamento um projeto de revitalização da Península.

O gerente da administração regional de Itapagipe (AR2), Deusdete Borges, afirma que João Henrique pretende dedicar uma atenção especial à região, “só este ano ele já veio mais de oito vezes aqui”, destaca. A mais recente obra do prefeito foi a entrega de uma arquibancada na Ribeira, para o acompanhamento das regatas (confira a repercussão na pg. 7).

O Programa Ribeira Azul, do governo estadual, vem atuando na erradicação das palafitas, beneficiando em particular o bairro de Alagados e, conseqüentemente, a Baía de Todos os Santos.

ESPAÇO RESERVADO PARA O SHOPPING OUTLET CENTER

ESPAÇO RESERVADO PARA O MERCADO DE FRUTOS DO MAR

Ligas de Futebol agitam Boa Viagem

O campo é de barro. Não importa se o dia é de sol ou de chuva. A diferença é a brisa do mar que fica mais fria no rosto, mas o calor da competição esquentando o sangue dos jogadores. Esse é o clima de quem disputa a Liga Praiana de Futebol do Monte Serrat ou a Liga da Associação Desportiva Barreirense (ADB), no campo da Boa Viagem, em frente ao mar.

O campeonato acontece durante todo o ano e para participar é preciso que o time se associe a uma das Ligas. Na ADB jogam duas categorias, os novos, de 18 a 38 anos e os veteranos, acima de 38 anos, sempre dia de domingo e feriado. Na Praiana disputam o infantil, de sete a 14 anos, o juvenil, de 12 a 16 anos, e os veteranos a partir dos 45 anos, às quintas e sextas.

Em cada categoria competem dez times. Cada lado joga com sete jogadores e mais cinco reservas. Os jogos são apitados por árbitros contratados da Federação Baiana de Futebol. "É uma satisfação jogar à brisa do mar, eu moro aqui há 45

foto: Tairane Fernandes



O campo é alugado nos dias em que não tem jogo oficial

anos e digo que só quem sente é que pode dar a dosagem do que sente", explica Edson Soares, aposentado e sócio benemérito da Liga Praiana.

Há mais de 40 anos, ao perderem o campo do Tupi, no fundo da Igreja

da Boa Viagem, os moradores do bairro, se mobilizaram para construir um novo campo. Daí surgiram as duas Ligas com os times: Arco, Barreiro, Celta, Delta, Eterna e Floresta, primeiro campeão da Liga Barreirense, em 1961.

NOTÍCIAS DOS VENTOS...

REMO... CONTRA A MARÉ

Os centenários clubes de regatas da Cidade Baixa, Itapagipe, Santa Cruz e São Salvador, continuam amargurando a falta de patrocínio e de incentivo ao esporte.

CONCORRÊNCIA DESLEAL

Assim fica fácil para o Vitória. Com os recursos do futebol, os remadores descobertos e treinados pelos outros clubes são facilmente absorvidos.

DECEPÇÃO PÚBLICA

Prometendo estimular as regatas, o Prefeito João Henrique veio à Ribeira para entregar uma arquibancada. Mas no momento da competição, o excelentíssimo estava discursando de costas para o mar...

CAMPEONATO BAIANO

28 de agosto acontece a 3ª regata do calendário do Campeonato Baiano de Remo.

DESTAQUE CULTURAL

The Honkers: um ronco itapagipano ecoado no mundo



Rock já é uma tradição na Cidade Baixa, afinal Raulzito (e os Panteras), que completaria 60 anos de vida este ano, iniciou sua carreira no disputado Cine Roma. Mas desde então, a música na Península é um campo restrito. Eventualmente ouvem-se alguns ruídos vindos do Espaço Jequitaia ou da Estação do Trem, mas nada que faça despertar o cenário

cultural da região. Contrariamente a este clima de insalubridade musical, o rock itapagipano vem fazendo barulho por onde passa, a exemplo do Retrofoguetes. Nos últimos tempos, o ronco mais estridente partiu do bairro de Roma e já alcançou o mundo. O Jornal Itapagipe conversou com Rodrigo Sputter, vocalista e mentor da banda The Honkers.

JJ: Por que Honkers?

Sputter: Honk seria um grito de ganso selvagem, onomatopéia de buzina, ronco. Aí eu pensei, nós somos os roncadores, nós somos os "honkers".

JJ: Como a Cidade Baixa influenciou o surgimento da banda?

Sputter: Existe uma tradição de rock aqui. Eu cresci ouvindo bandas da Cidade Baixa que eu amo, Dead Billies, Brincando de Deus, Dr. Cascadura, Úteros em Fúria. O meu primeiro show de rock foi aqui, num lugar chamado Abrigo da Arte.

JJ: E como surgiu a banda?

Sputter: Costumam dizer que o Honkers é uma banda de baiano, a gente foi tendo a idéia em 97, foi ensaiar em 98, foi tocar em 99, tocou em 2000 e virou banda de verdade em 2001.

JJ: Em pouco tempo de vida o

Honkers já fez duas turnês?

Sputter: é, em 2003, primeira vez que tocamos fora do estado fomos pra SP, RJ, MG, PR. E de janeiro a março deste ano, nós fizemos até a Argentina, foram quase 17 mil Km, cobrindo quase todo o Brasil.

JJ: A música do Honkers já fez fãs em outros continentes?

Sputter: Pois é, na Bahia as pessoas criticam tanto você fazer rock em inglês. Mas é engraçado, porque várias pessoas em diferentes países curtem a nossa música. Em Manchester, na Inglaterra, por exemplo, tem um fã que sonha em vir aqui conhecer a banda, no entanto ele vive num lugar onde surgiram grandes nomes do rock.

Descubra a banda em www.thehonkers.com

“Eu era feliz... e sabia”

Memória viva da Cidade Baixa, D. Terezinha Paim, há 73 anos moradora da Ribeira, professora, militante e uma das fundadoras da Comissão de Articulação e Mobilização dos Moradores da Península de Itapagipe (CAMPPI), nos recebeu em seu apartamento na Av. Beira Mar, situado no primeiro edifício com elevador construído em Itapagipe, de onde aprecia uma vista privilegiada da Baía de Todos os Santos, seu local preferido para assistir as competições de remo dos clubes de regatas da região. Ela nos convida a passear pela sua história e desvendar o surgimento deste amor incondicional pela Península de Itapagipe. Antes mesmo de começar ela nos corrige com toda a propriedade que lhe é conferida: “A Península é de Itapagipe, não diga Península Itapagipana, itapagipanos somos nós. Só nós dentro de Salvador temos denominação de bairro, porque nós temos a cidade do interior mais próxima da capital”.

Jl: Como nasceu Itapagipe? Como se constituiu essa formação própria que hoje apreciamos nas ruas da região?

D.T.: O que eu posso te contar é muita história oral de Itapagipe. Quando o Brasil foi descoberto, Itapagipe era uma taba indígena, aqui viviam os índios e eles adoravam isso aqui, devia ser uma beleza. O Caminho de Areia é assim chamado, porque ali existiam dunas que foram dizimadas. Então, os índios viviam aqui e por isso nós temos tantos nomes indígenas. Vamos ver um. Bogari. Por que Praia do Bogari?

Conta a lenda que Bogari era uma árvore que dava uma flor tão perfumada, que se estendia por toda a praia. hoje, está extinta. Quando Itapagipe começou a se formar, toda a parte lateral, onde é a Domingos Rabelo era mar com mangue. Então, os grandes estaleiros que foram formados aqui, que faziam barcos para todo o recôncavo e a ilha, fabricavam os mastros e enfiavam em pé na lama, para então começar a fazer os barcos. Daí veio o nome Porto dos Mastros. Quando alguém perguntava, “onde te encontro?” “Lá onde ficam os mastros, no porto dos mastros”. Ao mesmo tempo estes estaleiros importavam uma peça de metal muito pesada chamada papagaio, elas eram colocadas lá no campo, onde se

foto: Taliane Fernandes



jogava futebol, que passou a se chamar Campo do Papagaio. Depois que virou Largo do Papagaio.

Jl: Como era a vida na Península? O convívio social? A liberdade de viver num lugar tão aprazível?

D.T.: Eu nasci em 1932 na Beira Mar, nº 167, é no finalzinho da rua, já chegando na Praça Divina, era onde se realizavam as feiras dia de sábado, era o maior divertimento das famílias! Todo mundo bem arrumado com o marido do lado, compravam tudo, botava num balaio e pagava um menino que levava pra casa na cabeça. Foram anos e anos a feira da Praça Divina. Hoje não tem mais feira, tem bares, onde se vende carne do sol com pirão de aimpim. Como eu morava defronte ao mar, tinha quase três metros de profundidade, não era praia, hoje é, eu saía correndo de casa, de maiô, e já caía dentro d’água e *nunca ninguém ensinou nenhum menino de Itapagipe a nadar.* a gente aprendia uns com os outros. De noite os pais iam pra porta, papai de pijama, as senhoras conversando e a meninada a brincar, tinha que tomar outro banho pra poder dormir (risos).

Jl: Qual foi a sensação ao ver toda essa liberdade e beleza serem destruídas?

D.T.: Quando eu tinha 7 pra 8 anos, eu estudava em uma escola que ficava ali na pontinha da Beira Mar, eu olhava pela janela e via essa praia divina. Mas quando chegou um dia, começou uma construção ao lado da escola. Todo mundo se perguntou: o que é isso? Até que colocaram o nome, Fábrica Beringer, de borra de cacau. Já começou a mudar tudo, *a janela que dava para o mar, passou a ficar de frente para o muro da fábrica.* Ninguém aguentava aquela fumaça, o fedor e aí também começaram a jogar detrito no mar. Nós nos sentimos agredidos, eu era menina mas sabia que aquilo não era certo, fiquei triste realmente. Hoje, os galpões abandonados chegam a ser um câncer dentro de Itapagipe. Os governantes, todos eles, ninguém procurou suprir a perda que Itapagipe sofreu. Eles sobem a ladeira e esquecem da gente. Mas se eu já adorava meu bairro, agora eu me apaixonei totalmente, minha paixão que era meu marido morreu, aí eu caí de amor por isso aqui.